ANO III – Nº. 06

JUS SCRIPTUM

Boletim do Núcleo de Estudantes Luso-brasileiros da Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

JAN/JUN

2007

Revista Jurídica
NELB

Jus Scriptum

NELB
Núcleo de Estudo
Luso-Brasileiro

jusscriptum.pt

REVISTA JURÍDICA
NÚCLEO DE ESTUDO LUSO-BRASILEIRO
FACULDADE DE DIREITO DA ULISBOA

EDIÇÃO ESPECIAL DOS VOLUMES 1 A 5
Lisboa – Portugal
Periodicidade Trimestral
ISSN 1645-9024

Diretor da Revista – Editor-In-Chief
Cláudio Cardona

Conselho Editorial – Editorial Board

André Brito, Presidente do NELB
Cláudio Cardona, Diretor da JusScriptum
Paulo Rodrigues, Diretor Científico do NELB
Laura Viana, Diretora Científica interina do NELB
Thiago Santos Rocha, Observador Externo

Conselho Científico – Scientific Advisory Board

Ana Rita Gil
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

André Saddy
Faculdade de Direito da Universidade Federal Fluminense

Edvaldo Brito
Faculdade de Direito da Universidade Federal da Bahia

Eduardo Vera-Cruz Pinto
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Fernanda Martins
Universidade do Vale do Itajaí

Francisco Rezek
Francisco Resek Sociedade de Advogados

Janaina Matida
Faculdade de Direito da Universidade Alberto Hurtado

Lilian Márcia Balmant Emerique
Faculdade Nacional de Direito - UFRJ

Luciana Costa da Fonseca
Universidade Federal do Pará

Maria Cristina Carmignani
Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Maria João Estorninho
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Paula Rosado Pereira
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Paula Vaz Freire
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Pedro Romano Martinez
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Rute Saraiva
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Sergio Torres Teixeira
Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pernambuco

Susana Antas Videira
Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa

Corpo de Avaliadores – Review Board

Camila Franco Henriques
Eduardo Alvares de Oliveira
Francine Pinto da Silva Joseph
Isaac Kofi Medeiros
J. Eduardo Amorim
José Antonio Cordeiro de Oliveira
Leonardo Bruno Pereira de Moraes
Marcelo Ribeiro de Oliveira
Marcial Duarte de Sá Filho
Maria Vitoria Galvan Momo
Plínio Régis Baima de Almeida
Rafael Vasconcellos de Araújo Pereira
Rafaela Câmara Silva
Silvia Gabriel Teixeira

REVISTA JURÍDICA
NÚCLEO DE ESTUDO LUSO-BRASILEIRO
FACULDADE DE DIREITO DA ULISBOA
Ano 3 • Volume 3 • Número 6
Jan-Jun 2007 • Lisboa – Portugal
Periodicidade Semestral
ISSN 1645-9024

NELB – Núcleo de Estudo Luso-Brasileiro
Fundado em 07/06/2001
Diretoria do Biênio 2006/07

André Saddy, Presidente
Alenuska Teixeira Nunes, Vice-Presidente
Márcia Castro Pereira, Secretária-Geral
Elisa Ustárroz, Diretora Científica
Caroline Alves Salvador, Diretora Social
Carlos Marcos Borges, Diretor Financeiro

Conselho Editorial:
Eduardo Bruno Milhomens
Fernando Estevam Bravin Ruy
Paula Lins Goulart
Rafael Freitas Machado

Conselho Deliberativo:
Daniel Barroso
Luiz Carlos Messias Junior
Tiana Santos

Colaboradores:
Alyne de Andrade de Oliveira Bezerra

Correspondência: Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa
Alameda da Universidade, Cidade Universitária - CP 1649014 - Lisboa - Portugal

O *HOMO ECOLOGICUS* SOB UMA PERSPECTIVA HOLÍSTICA

Rozimeri Aparecida Rigon Pedroso [1]

***SUMÁRIO**: 1 Introdução. 2 Ecologia/Meio Ambiente – Bem Comum e Universal. 3 Sociedade Moderna – Crise. 4 O homo ecologicus sob uma perspectiva holística. 5 Conclusão. 6 Referências*

***RESUMO:** A proposta centra-se na idéia de conscientização do homem da sua relação com a natureza. O homem, ao longo dos anos, com a sua visão utilitária e separatista tem vindo a danificar quase irremediavelmente o equilíbrio harmônico da natureza, comprometendo a sua própria existência. O desafio que se coloca é o de formular uma educação ambiental que seja crítica e inovadora, voltada para a transformação social. O foco desta educação deve estar drigido numa perspectiva holística que relaciona o homem, a natureza e o universo, pois é a partir da nossa consciência que criamos uma nova realidade.*

***Palavras-chave**: homem, natureza, educação, consciência, holística*

O homem é parte de um Todo chamado por ele mesmo de Universo: uma pequena parte, limitada no tempo e espaço. Ele vê a si próprio como algo separado do resto. Ilusão que o limita a desejos pessoais, condicionando a sua afectividade a algumas e poucas pessoas da sua tribo. Libertar-se desta prisão deveria ser o objetivo, aumentando o círculo de compaixão para amar todas as criaturas vivas e a natureza, em toda a sua beleza e magnitude.[2]

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que os recursos naturais, imprescindíveis para a nossa existência e desenvolvimento económico não são inesgotáveis. A preocupação com o meio ambiente é mundial, e no Brasil tal preocupação tem aumentado sensivelmente nos últimos anos. Podemos afirmar que os problemas ambientais são uma consequência de como a sociedade está estruturada, pois a visão da sociedade contemporânea está voltada para um padrão institucionalizado, que é tido como certo pela maioria das pessoas.

A sociedade contemporânea visualiza apenas o progresso ilimitado, resultante da exploração maciça dos recursos naturais. O homem precisa repensar os seus valores. Necessita reaprender. Paulo Freire já dizia que o homem carece de auto-estima para aprender, e só aprende quando aquilo que está a aprender faz parte do seu projecto de vida. O homem necessita estar comprometido, e não apenas contemplando idéias. É fundamental pensar a realidade em que se vive. Em termos de meio ambiente é imprescindível avaliar os factores externos, físicos e biológicos, que influenciam diretamente a sobrevivência, o crescimento, o desenvolvimento e a reprodução dos organismos e de todos os seres que habitam o nosso planeta. E mais, o homem necessita redescobrir a sua relação com a natureza. Necessita, sobretudo, mudar a sua visão de mundo. O que até então era tido como uma verdade absoluta, adoeceu, envelheceu, e urge ser substituída por outra que ultrapasse uma cultura milenar arraigada no seio da sociedade. Mas como e de que forma o homem pode mudar a sua visão fragmentada? Através de uma perspectiva holística.

A proposta deste trabalho é demonstrar que os valores ecológicos estão interligados com os valores humanos. O objectivo máximo do homem consciente, o qual se denomina no presente trabalho de *homo ecologicus* é a preocupação com a vida em toda a sua complexidade. Este *homo* preocupa-se com o seu religamento, com a sua aproximação com o universo, com a natureza, com o próximo, e consigo mesmo.

Em síntese, demonstraremos que através de uma perspectiva holística o *homo ecologicus* poderá perceber

[1] Graduada em Direito pela Universidade do Vale do Itajaí, Campus São José (SC); Especialista em curso preparatório para Juiz Estadual Substituto - Escola Superior da Magistratutra do Estado de Santa Catarina, Pós-Graduada -Especialista em Direito Ambiental pela Universidade Federal de Santa Catarina, e Mestranda em Ciências Jurídico-Criminais pela Universidade de Lisboa. E-mail: adv0083@hotmail.com/rozimeri@netcabo.p

[2] EINSTEIN, Albert. Como Vejo o Mundo.Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981, p.167.

mais facilmente a universalidade das coisas. Deixará de separar, passará a unir, passará a compreender sua unidade na diversidade e vice-versa e, no final, compreenderá que o seu destino, o da sua espécie e das demais, o destino social e histórico, estão todos entrelaçados.

2 Ecologia/Meio Ambiente: Bem Comum e Universal

Um sistema de valores jurídicos, éticos, sociais e universais foi proclamado há muito tempo como sendo direitos fundamentais e inarredáveis do homem. O princípio máximo de que "todos têm direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado, bem de uso comum do povo e essencial à sadia qualidade de vida (...)", consignado na Constituição Federal Brasileira de 1988 [3] passou a ser perseguido pela sociedade contemporânea.

O direito ao meio ambiente ecologicamente equilibrado vem se tornando cada vez mais um corolário do direito ao ambiente saudável, tanto é verdade que tal compreensão, antes exclusiva da óptica científica, transbordou para o campo jurídico e político. Denota-se que o direito ao ambiente sadio e equilibrado tornou-se hoje o núcleo dos direitos fundamentais. Todavia, esse Direito novo encontra resistências para se realizar, a mesma espécie de resistência detectada por Von Ihering[4] há séculos atrás. Dizia ele:

Sempre que o Direito existente esteja escudado pelo interesse, o Direito novo terá de travar uma luta para se impor, uma luta que muitas vezes dura séculos, e cuja intensidade se torna maior quando os interesses constituídos se tenham corporificado sob a forma de direitos adquiridos.

A maior dificuldade reside no facto de existir uma cultura de resistência estabelecida no seio da sociedade, uma vez que os novos direitos são interpretados com base no velho direito individualista, ou seja, uma visão do ser humano como sendo um ser autónomo, pragmático, unidimensional.

Fagúndez [5] relembra que "a questão ambiental traz à baila a solidariedade e a lembrança de que todos os seres humanos integram o mesmo corpo. E que sem conscientização não há possibilidade de sobrevivência do planeta". Por outro lado, a norma constitucional brasileira conduz-nos a uma visão ampliada do fenômeno ambiental, devendo compreender como um "Só Corpo" todos os elementos naturais e culturais. Tanto a legislação ambiental, quanto os fundamentos doutrinários do Direito Ambiental, favorecem e requerem a entrada em cena de novos actores sociais.

Os problemas ambientais são vivenciados por todas as classes sociais. Hoje, não se pode dizer que tal fenómeno afeta uma ou outra classe, pelo contrário, os problemas nascem no mesmo solo, do mesmo bem comum. Daí a necessidade de uma acção comum, em benefício de um bem comum, tão necessitado às presentes e futuras gerações.

3 Sociedade Moderna – Crise

Os juristas e estudiosos das mais diversas matérias afirmam que o mundo enfrenta uma crise. Mas a que crise se referem eles? Seria a crise de uma sociedade que envolve os mais variados fenómenos sociais ou somente a crise do meio ambiente? Em qualquer crise devem ser analisadas as estruturas reais do fenômeno e as possibilidades de ruptura ou de continuidade perante um estado de coisas que até então não eram contestadas. Além disso, deve-se precisar em que medida a crise se revela ameaçadora numa intervenção determinada, se a sua continuidade pode gerar um perigo ainda maior ou, ainda, de qual ordem ela é passível de arruinar a estabilidade.

Fagúndez [6] sustenta que "(…) a.vida requer sempre ruptura, transformação, e que a crise estimula a reflexão". Todavia, a transformação só ocorre quando a sociedade se liberta de certos dogmas e muda o seu modo

[3] BRASIL. Constituição Federal de 1988. art. 225.
[4] VON IHERING, Rudolf. A Luta pelo Direito. Trad. João Vasconcelos. 22 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003, p.7.
[5] FAGUNDEZ, Paulo Roney Àvila. O Direito e a Hipercomplexidade.São Paulo: Ltr, 2003, p. 172.
[6] FAGUNDEZ, op.cit., p.139.

de pensar e agir. Acreditamos, sem medo de errar, que a sucessão de crises que o mundo actual enfrenta é decorrente do avanço científico, do crescimento populacional, do crescimento industrial desordenado, do fenómeno globalização, enfim, é o próprio homem o responsável por todas as crises e conseqüentemente o único capaz de vencer todas as batalhas. Não obstante, há uma imensa parcela da população que vive sob condições ambientais terríveis, padecendo toda a sorte de doenças endêmicas, inclusive a desnutrição, a fome crônica, quando não a miséria total.

Portanto, para que haja qualquer mudança é imprescindível uma visão interdisciplinar que permita aos juristas, aos pesquisadores e à sociedade trabalhar com uma linguagem comum, sobre um objeto comum, e com um objectivo comum. A visão unitária de um fenómeno resulta na maioria das vezes em descobertas de soluções radicalmente diferentes ao problema de confrontação do direito e das práticas sociais.

Ao afirmarmos que a sociedade moderna vivencia uma crise, significa dizer que o desenvolvimento tecnológico tem vindo a interferir cada vez mais na qualidade de vida das pessoas, e o conhecimento formal e disciplinar por si só não é capaz de apontar as soluções adequadas para a resolução dos conflitos. Daí a necessidade do surgimento de novos protagonistas nesta história, isto é, o Estado, a sociedade, e a ciência, devem estar interligados e comprometidos na busca de soluções e alternativas para cada caso concreto.

Na visão de Leite e Ayala[7], o maior problema não reside tão somente na compreensão dos conflitos que se estabelecem no quotidiano, mas sim na tomada de decisões a partir da diferenciação dos mais variados problemas, que importa, segundo os autores, em:

(...) considerar sinteticamente o problema de como superar da melhor forma possível o conjunto de imprevisões, incertezas e definições que tipificam os processos em que decisões e escolhas devem ser realizadas para a concretização dos objetivos de proteção do ambiente nas sociedades de risco.

Desta forma surge a necessidade de estudos e pesquisas interdisciplinares, ensejando análises e concretizações dos mais diversos problemas ambientais.

Podemos dizer que o Brasil é um País democrático, contudo, a democracia ocorre apenas no âmbito político. Para se construir uma verdadeira democracia é necessário, antes de tudo, uma reformulação dos valores éticos e morais.

Parafraseando Durkheim[8], esses valores morais devem estar contidos em todas as regras que funcionam sob os nossos olhos, e a matéria da ciência deve ser formada por essas regras e não pela visão sumária que delas temos. A idéia da moral deve ressoar da consciência individual de cada ser humano. A verdadeira democracia "deve permitir o uso da palavra por todos, possibilitar a convivência pacífica entre os homens, dos homens com os animais e as plantas, entre todas as nações, entre todos os planetas, enfim, entre todos os seres", remata Fagúndez [9].

Urge dizer então que vivemos uma época de interesses comuns, em que não se pode pensar apenas individualmente, mas sobretudo na colectividade, no universo como um "Só Corpo", que integra todos os seres.

4 O *homo ecologicus* sob uma perspectiva holística

Vivemos numa época de crises e incertezas, mas isso já sabemos. O que não sabemos, ou melhor, o que ainda não descobrimos, é o facto de estarmos a sair da idade da razão e a ir ao encontro da idade da consciência, no mais amplo sentido da expressão. A nossa tarefa agora consiste em inventarmos uma nova linguagem, um novo código: somos um SÓ CORPO! Não estamos perante um descrédito da razão, mas diante da recusa de dogmatismos que pensa captar um ser divino através de formulações e o

[7] LEITE, José Morato ;AYALA, Patrick Araújo.Transdisciplinariedade e a Proteção Jurídico-ambiental em Sociedades de Risco: Direito, Ciência e Participação. *In*: Morato Leite, José, Bello Filho, Ney de Barros (org.). Direito Ambiental Contemporâneo. Barueri, SP: Manole, 2004, p. 117.

[8] DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. Trad. Eduardo Lúcio Nogueira:Lisboa: Editorial Presença, 2004, p.98.

[9] FAGUNDEZ, Paulo Roney Àvila. O Significado da Modernidade. In: Direito Ambiental Contemporâneo. Leite, José Rubes Morato; Bello Filho, Ney de Barros (org.).Barueri, SP: Manole, 2004, p.216.

real através de formalismos matemáticos. Utilizando uma expressão popular, é demasiado fácil usarmos um *slogan* com as afirmações: Sou ambientalista ou; Sou a favor da preservação do meio ambiente; etc. Personagens desse tipo não faltam no cenário mundial. Poucos são os *homo ecologicus,* homens verdadeiramente conscientes da sua relação com a natureza. Esse ser humano do qual falamos diferencia-se dos demais no seu modo de visualizar a interconexão existente entre sistemas e ambiente, os factores externos, físicos e biológicos que influenciam directamente a sua sobrevivência. Por outras palavras, o *homo ecologicus* é o homem que compreende que a espécie humana não é a única que habita este planeta e que necessita das outras espécies para continuar a viver. Este *homo* pensa cada acto de sua vida e consegue captar a essência da sua relação com os outros homens, com os outros seres vivos, com as forças cósmicas do universo.

Essa forma de visualizar o mundo é denominada de visão holística. A expressão "holística"[10] origina-se do grego *holos*, que quer dizer inteiro, todo. O todo é tudo aquilo que integra o cosmos, seja o homem, uma galáxia, um inseto, uma molécula ou uma planta. Tudo está interligado. Há uma relação dialéctica entre todos os fenómenos, uma perfeita harmonia. Quando se fala em holística não se quer dizer que se trata de uma ciência ou religião e muito menos de uma filosofia de vida, mas sim de uma visão diferenciada do universo. A visão holística é uma atitude face à realidade. É o pensar a realidade. É uma forma de compreender que o homem e a natureza formam um único corpo. Ao mudar o nosso olhar sobre o mundo, começamos a ver possibilidades novas, impossíveis de serem visualizadas previamente. Vislumbramos uma forma diferente de encarar a saúde e a doença, o processo de cura, e a morte. Descobrimos quais as estratégias mais adequadas para obtermos sucesso e um melhor rendimento na vida pessoal ou profissional.

E ainda, essa visão da qual falamos (holística) tem vindo ao longo dos anos a contestar o pensamento mecanicista. Einstein, por exemplo, aplicava a visão holística nas suas pesquisas. O que diferenciava esse génio da ciência dos demais estudiosos da época era a sua clareza de visão, percepção, e raciocínio lógico. Além de Einstein, muitos outros pensadores como Augusto Comte, Mahatma Ghandi, Hipócrates, Claude Bernard, Konrad Lorenz, Segismundo Freud, cada qual a seu tempo, aplicaram o holismo nas suas pesquisas e descobertas. Dito isto, surge uma questão: por que actualmente alguns pensadores apontam a falta de visão holística como o grande retardatário ao desenvolvimento da humanidade, principalmente no campo das ciências? Uma pesquisa de um determinado cientista que esteja baseada unicamente no interesse político e económico certamente em nada contribuirá para o desenvolvimento humano. Os grandes pensadores diferenciam-se pelo seu modo de pensar e ver as coisas. "Pensar é voar sobre o que não se sabe", já dizia Ruben Alves.[11]

Por seu turno, Capra [12], ao discorrer sobre o tema, defende o seguinte:

A perspectiva holística da realidade é representada pela idéia de uma consciência transdiciplinar. Presente em todos os setores do conhecimento, ela diz respeito ao conjunto de saberes particulares, visando o entendimento acerca dos mecanismos de funcionamentos humano e físico. Nesse sentido, a compreensão do real, sob a óptica holística, somente alcança uma definição, ainda que provisória, a partir da análise das inter-relações com outros elementos, e não pelo método cartesiano, que analisa o mundo em partes e organiza essas partes de acordo com leis causais.

[10] "Holística-holismo (grego *holos*, todo) é a idéia de que as propriedades de um sistema, quer se trate de seres humanos ou outros organismos, não podem ser explicadas apenas pela soma de suas componentes. A palavra foi cunhada por Jan Smuts por volta de 1920, governador britânico no sul da Índia, que assim a definiu: "A tendência da Natureza a formar, através de evolução criativa, "todos" que são maiores do que a soma de suas partes". Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Holismo.

[11] ALVES, Ruben. A complicada arte de Ver. Artigo publicado no periódico "Folha de São Paulo", versão on-line, publicado em 26/10/2004. Disponível em: http://www.folha.com.br

12 CAPRA, Fritjof. A Teia da Vida. São Paulo: Cultrix,1996, p.80.

Toda a superação de um paradigma espelha profundas mudanças operadas numa concepção de mundo. A superação do paradigma geocêntrico representou o fim de um longo período da hegemonia política feudal. E hoje, para onde estamos a caminhar? Que estamos a viver uma crise, isso é evidente, o problema, contudo, é estarmos no meio desse processo, e por isso não temos distância suficiente para uma análise objectiva. O que nos resta, então? Entendemos que o início de qualquer mudança começa necessariamente nas escolas. É através da educação que surgirão mentes brilhantes, voltadas para acções novas e preocupadas com o meio ambiente humano. Como já afirmou Morin[13], "interrogar a nossa condição humana implica questionar primeiro a nossa posição no mundo".

Usamos sempre a visão fragmentada do pensamento sobre a nossa existência. Não estamos habituados e não nos preocupamos em pensar. Aprendemos que tudo na vida é guiado pela razão. Ensinaram-nos a tudo separar, isolar, desunir, e talvez por isso possuímos uma visão limitada das coisas. Outrora já disse Ruben Alves[14]:"O acto de ver não é coisa natural. Precisa ser aprendido". Nietzsche também sabia disso e afirmou que a primeira tarefa da educação é ensinar a ver e pensar. A aprendizagem da arte de ver, a aprendizagem da arte de pensar, resulta em descobertas. Ver e pensar são ferramentas do corpo. Em síntese, o corpo vê, pensa e inventa em função da necessidade de viver.

Ao longo dos anos o homem não utiliza a sua sabedoria acumulada para viver melhor e portanto não evoluiu em termos de ética, moral e política. Pelo facto de usarmos mal a nossa visão e também o nosso pensamento, em tudo criamos divisão e não união. A humanidade ainda não concebe a idéia de que somos originários do cosmos, da natureza. O nosso pensamento e a nossa consciência conhecem apenas o mundo físico, a matéria. Mas esse modo de pensar, de agir, e de ver as coisas, está a mudar. Cremos que o homem moderno já está a despertar para uma nova consciência. E tal constatação pode ser feita através do documentário americano recentemente lançado: "Quem somos Nós?" [15] . Ele mostra-nos que a ciência tem vindo a celebrar a espiritualidade e vice-versa. Questionamentos humanos são discutidos dentro da Física Quântica, Neurologia e biologia Molecular e por fim trazem para as suas observações científicas a sabedoria ancestral dos místicos. Faz-nos compreender que a ciência pode ser uma linguagem do espírito, e quando trabalhadas juntas encorajam o ser humano a examinar as suas próprias crenças e despertam-no para a sua própria vida.

Fazendo uma análise desse filme e se pensarmos que toda a criação humana teve origem a partir da imaginação de alguma mente, então podemos concluir que criamos a nossa realidade a partir da nossa consciência. A proposta da visão holística é apresentar uma resposta inteligente à crise global gerada pela visão antropocêntrica.

O filósofo francês Serres[16], defende a idéia de que o homem deve buscar o estado de paz e o amor, e para tal deve renunciar ao contrato social primitivo de Hobbes, para firmar um novo pacto com o mundo: "O contrato natural". Na visão deste filósofo, o mundo, a princípio, foi visto como nosso Deus, depois tornou-se nosso escravo, em seguida passou a ser visto como nosso hospedeiro, e agora temos que admitir que é, na verdade, nosso simbiota[17]. Para Serres, o homem "parasita" da natureza e do mundo, filho do direito de propriedade, tudo tomou e não deu nada. A Terra hospedeira deu tudo e não tomou nada. Um relacionamento correcto terá que assentar na reciprocidade. Tudo o que a natureza dá ao homem ele deve restituir.

---

[13] MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. Trad. Eleonora F.da Silva e Jeanne Sawaya. 4º ed. São Paulo: Cortez; Brasília: Unesco, 2001, p.47.

[14] ALVES, Ruben. A complicada Arte de Ver. O texto foi extraído da secção "Sinapse", periódico da "Folha de S.Paulo", versão on line, publicado em 26/10/2004. Disponível em : http://www.folha.com.br

[15] Título original: What the Bleep Do We Know?. Lançamento: (EUA – 2004) -Direção: William Arntz, Betsy Chasse e Mark Vicente. Estúdio: Lord of the Wind.

[16] SERRES, Michel. O Contrato Natural.Paris- França: Bourin, 1990.

[17] *"Cada um dos seres associados na simbiose. Associação de dois ou mais seres de espécie diferente, que lhes permite viver com vantagens recíprocas e os caracteriza como um só organismo: o líquen é a simbiose de uma alga e de um cogumelo. Fig. Vida em comum"*. Disponível em : http://www.kinghost.com.br/dicionario/muito.html.

Hoje, a filosofia e a ciência, como nunca dantes, já admitem a unidade do cosmos. E nessa unidade não há hierarquia. Os componentes dos átomos e partículas atómicas são padrões dinâmicos que não existem como entidades isoladas, mas como partes de uma rede inseparável de interacções. Os físicos modernos mostram-nos que toda a matéria, tanto na terra como no espaço externo, está envolvida numa contínua dança cósmica. Tudo no espaço está conectado a tudo o mais, e nenhuma parte dele é mais importante. As propriedades de qualquer parte são determinadas, não por alguma lei fundamental, mas pelas propriedades de todas as demais partes. O mundo está envolvido numa grande unidade, nenhum elemento está isolado, nem na extensão presente, nem na história.

O *homo ecologicus*, esse ser em plenitude, está unido a tudo o que vive. Essa unidade afasta toda e qualquer diferença. Exemplo desse ser humano consciente era o índio Seattle, chefe de uma tribo indígena americana, Suquamish. É producente esposar aqui um breve relato de sua história:

No ano de 1853, o Governo americano tentava convencer o chefe indígena Seattle (originalmente chamado de Seea-ath), a vender as suas terras, dois milhões de acres, por US$ 150.000,00 (cento e cinquenta mil dólares americanos)**.** Em resposta, o índio Seattle enviou uma carta ao Presidente Franklin Pierce, a qual se traduzia numa lição inesgotável de amor à natureza e à vida.

A história dos indígenas em cada país onde existiam, antes do homem branco, é diferente nas suas particularidades, mas no seu conteúdo são iguais. Nos Estados Unidos ou no Brasil, os problemas enfrentados pelos indígenas foram os mesmos. Daí esse sentimento de solidariedade e cooperação que existe entre os diferentes povos indígenas e essa sabedoria milenar da qual todos nós temos muito a aprender. O índio Seattle era esse ser do qual falamos, um ser em sua plenitude, um homem consciente, um verdadeiro *homo ecologicus.*

Eis alguns fragmentos de sua carta[18], enviada ao presidente dos EUA, em 1854.

*(…)**C**omo é que se pode comprar ou vender o céu, o calor da terra? Essa idéia parece estranha. Se não possuímos o frescor do ar e o brilho da água, como é possível comprá-los? (…) Somos parte da terra e ela faz parte de nós. As flores perfumadas são nossas irmãs: o cervo, o cavalo, a grande águia, são nossos irmãos. Os picos rochosos sulcos úmidos nas campinas, o calor do corpo do potro, e o homem - todos pertencem à mesma família. (….) Os rios são nossos irmãos, saciam nossa sede. Os rios carregam nossas canoas e alimentam nossas crianças. Se lhes vendermos nossa terra, vocês devem lembrar e ensinar a seus filhos que os rios são nossos irmãos, e seus também. E, portanto, vocês devem dar aos rios a bondade que dedicariam a qualquer irmão. Sabemos que o homem branco não compreende nossos costumes. Uma porção de terra, para ele tem o mesmo significado que qualquer outra, pois é um forasteiro que vem à noite e extrai da terra aquilo de que necessita. A terra não é sua irmã, mas sua inimiga, e quando ele a conquista, prossegue seu caminho. Deixa para trás os túmulos de seus antepassados e não se incomoda. Rapta da terra aquilo que seria de seus filhos e não se importa. A sepultura de seu pai e os direitos de seus filhos são esquecidos. Trata sua mãe, a terra, e seu irmão, o céu, como coisas que possam ser compradas saqueadas, vendidas como carneiros ou enfeites coloridos. Seu apetite devorará a terra, deixando somente um deserto. (…) O ar é precioso para o homem vermelho, pois todas as coisas compartilham o mesmo sopro - o animal, a árvore, o homem, todos compartilham o mesmo sopro. Parece que o homem branco não sente o ar que respira. Como um homem agonizante há vários dias, é insensível ao mau cheiro. (….) O que é o homem sem os animais? Se todos os animais se fossem, o homem morreria de uma grande solidão de espírito. Pois o que ocorre com os animais brevemente acontecerá com o homem. Há uma*

[18] Carta do índio Seattle da tribo Suquamish ou, Duwamish, e outras tribos americanas enviada ao presidente dos EUA, em 1853 e traduzida por Irina Bunning e divulgada pelo Projeto Vida . O conteúdo da carta tem várias versões e inúmeras traduções .Obs: As terras dos Suquamish ou Duwamish é hoje a cidade de Seattle, no estado de Washington. A cidade tem este nome em homenagem ao Cacique. Texto original da carta disponível em: http://www.culturabrasil.pro.br/seattle.htm.

ligação em tudo. Vocês devem ensinar às suas crianças que o solo a seus pés é a cinza de nossos avós. Ensinem às suas crianças o que ensinamos às nossas, que a terra é nossa mãe. Tudo o que acontecer à terra, acontecerá aos filhos da terra. Os homens cospem no solo, estão cuspindo em si mesmos. Isto sabemos: a terra não pertence ao homem; o homem pertence à terra. Isto sabemos: todas as coisas estão ligadas como o sangue que une uma família. Há uma ligação em tudo. O que ocorrer com a terra recairá sobre os filhos da terra. O homem não tramou o tecido da vida; ele é simplesmente um de seus fios. Tudo o que fizer ao tecido, fará a si mesmo. Os brancos também passarão; talvez mais cedo que todas as outras tribos. Contaminem suas camas, e uma noite serão sufocados pelos próprios dejetos. (…) Onde está o arvoredo? Desapareceu. Onde está a águia? Desapareceu. É o final da vida e o início da sobrevivência.

O índio Seattle, em sua carta, há cerca de 150 anos, já deixava claro que o homem civilizado, com a sua mentalidade voltada unicamente para o capitalismo, perdeu a sua identidade orgânica da relação homem / natureza, e isto, conseqüentemente, tem resultado na total degradação ambiental. Dizia aquele sábio homem que devemos ensinar aos nossos filhos que a terra é nossa mãe. Cumpre-nos ensiná-los que todo o mal que fizermos à natureza, este mesmo mal recairá sobre nós. Isto incita-nos a pensar sobre a forma como a sociedade contemporânea funciona e como está estruturada. A maneira como é gerida a natureza, o modo de produção e de consumo, os meios de produção, os estilos de vida, as técnicas aplicadas, a tecnologia utilizada e a ciência a seu serviço, no sentido de reaproximar o homem à natureza.

Voltando à questão já discutida no início deste capítulo quando afirmávamos que as mudanças de paradigmas começam necessariamente nas escolas, entendemos que o autoconhecimento da pessoa humana é que o conduzirá à mudanças intra e interpessoais e, conseqüentemente, tais mudanças vão afectar as pessoas que estão à nossa volta, que por sua vez passam a reagir de forma diferente. Cada ser humano pode modificar-se e influir para mudar o ambiente em que vive.

Portanto, são as interacções entre indivíduos conscientes (*homos ecologicus*), que vão produzir uma sociedade com consciência ambiental. Para concluir tal pensamento servimo-nos novamente das palavras de Morin [19] quando diz que *(...) todo o desenvolvimento verdadeiramente humano significa o desenvolvimento conjunto das autonomias individuais, das participações comunitárias e do sentimento de pertencer à espécie humana.*

Sabemos que o nosso planeta já vivenciou duas grandes catástrofes biológicas. A primeira no período Paleozóico [20], com a fractura da Pangéa, e a segunda no período Mesozóico[21], o choque com o meteoro de 9 Km de extensão, acabando com o domínio dos dinossauros. O que não sabemos, ou melhor, fingimos não saber, é o prenúncio de uma terceira catástrofe que está por vir e está a ser provocada por um "animal intelectual": o ser

[19] MORIN, Edgar. *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*.Trad. Catarina Eleonora F.da Silva e Jeanne Sawaya. 4.ed.São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001, p.55.

[20] *Na escala de tempo geológico o Paleozóico é a era do éon Fanerozóico, que está compreendida entre 542 milhões e 251 milhões de anos atrás, aproximadamente. A era Paleozóica sucede a era Neoproterozóica do éon Proterozóico e precede a era Mesozóica de seu éon. Divide-se nos períodos Cambriano, Ordoviciano, Siluriano, Devoniano, Carbonífero e Permiano, do mais antigo para o mais recente. O Paleozóico é conhecido por dois dos eventos mais importantes na história da vida animal. Em seu começo houve uma grande diversificação evolutiva dos animais, a explosão cambriana, em que quase todos os filos animais atuais e vários outros extintos apareceram dentro dos primeiros milhões dos anos. Já no extremo oposto do Paleozóico ocorreu a extinção maciça, a maior da história da vida na Terra, que extinguiu aproximadamente 90% de todas as espécies animais marinhas. As causas de ambos estes eventos ainda não são bem conhecidas.*. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Paleoz%C3%B3ico.

[21] *O Mesozóico é a era do éon Fanerozóico que está compreendida entre 251 milhões e 65 milhões e 500 mil anos atrás, aproximadamente. A era Mesozóica sucede a era Paleozóica e precede a era Cenozóica, ambas de seu éon. Divide-se nos períodos Triássico, Jurássico e Cretáceo, do mais antigo para o mais recente. O nome Mesozóico é de origem grega e refere-se ao 'meio animal' sendo também interpretado como "a idade medieval da vida". Esta era é especialmente conhecida pelo aparecimento, domínio e desaparecimento polémico dos dinossauros.* Disponível em: http:pt.wikipedia.org/wiki/Mesoz%C3%B3ico.

humano, o famoso *homo sapiens* que também é conhecido por *homo complexus*, por ser ao mesmo tempo um ser racional e irracional, capaz de construir e de se autodestruir. Ainda há tempo! Podemos mudar o final desta história! A escolha é nossa: - ou nos deixamos extinguir pela nossa própria loucura ou tornamo-nos protagonistas de uma história com um final feliz. Não deixemos transformar-nos em *homo demens*, mas sim em *homo ecologicus.* Basta ressuscitarmos em nós uma nova ética, uma nova consciência moral, voltada para o colectivo.

Para muitas pessoas tudo o que aqui foi dito pode parecer utópico. Mas se não começarmos a agir agora, quando tomaremos uma atitude? Quando todas as espécies estiverem extintas? Quando isso acontecer será demasiado tarde. Mas quem deverá tomar a frente desta batalha? Os nossos governantes? Não, eles estão mais preocupados com o Poder. As crianças? Não, elas estão acostumadas a imitar os adultos, elas aceitam como sendo verdade tudo o que lhes é dito ou imposto.Os velhos? Não, não sabemos escutar os idosos. Os cientistas e estudiosos? Não, pois estão imersos nas suas experiências científicas e não possuem outros interesses além do económico e político. Então, quem? Os educadores, todos, sem excepção. Aqueles que ensinam às crianças, adolescentes e adultos. Todos juntos, com a visão definida por Velasco [22] de interdisciplinar, multidisciplinar, e trasnsdiciplinar, compartilhando experiências e saberes, investigando os seus próprios ensinamentos conjuntamente com os seus alunos. Todos reunidos num "Só Corpo" utilizando o método que Paulo Freire [23] denominou de uma leitura do mundo. Esse método serve para aproximar a pessoa do mundo e extrair dele todos os elementos que o compõem. Acreditamos que somente dessa maneira poderemos construir uma nova sociedade, consciente da relação homem/natureza.

CONCLUSÃO

A visão fragmentada do homem de que o mundo é composto por partes isoladas e independentes favoreceu o surgimento das crises com as quais a humanidade convive hoje. Como já foi dito no decorrer do presente trabalho vivemos uma época de grandes transformações e de muitos questionamentos sem respostas. Os nossos valores já não são os mesmos. Estamos em busca de alguma coisa que ainda não sabemos o que é, ou seja, não temos um sentido para a nossa existência. Vivemos um período de vazio existencial. Em suma, sentimo-nos incapazes de mudar o nosso rumo, de construirmos uma história com final feliz.

Em termos tecnológicos o homem realizou muitas conquistas, mas, interiormente, o homem permanece igual. A sociedade moderna não apresenta muitas diferenças relativamente à das cavernas: a sua violência e agressividade são iguais. A crise ecológica/ ambiental que estamos a vivenciar é, por enquanto, apenas uma faísca de fogo que pouco a pouco irá alastrar-se, salvo se acordarmos e procurarmos soluções para extingui-la. E isso só será possível se nos unirmos, se estivermos lado a lado, prosseguindo na mesma direção e em prol do mesmo objectivo.

Fagúndez preconiza que "a natureza sempre oferece uma chance", mas até quando? Será esta chance *ad eternun* ? Creio que não. Independentemente deste ou de outro posicionamento, penso que as dificuldades sempre vão existir, pois elas fazem parte do nosso aprendizado individual e colectivo. Contudo, não devemos deixar-nos abalar perante as lutas que actualmente enfrentamos e que ainda iremos travar, ao

[22] VELASCO, Sirio Lopez. *Ética de la Liberación*.Campo Grande: Cefil, 1996. Interdisciplinar ou interdisciplinariedade: *significa que as disciplinas em questão, apesar de partirem cada uma do seu quadro referencial teórico-metodológico, estão em situação de mútua coordenação e cooperação e estão engajadas num processo de construção de referenciais conceituais e metodológicos consensuais;* Multidisciplinar ou multidisciplinariedade: *Caracteriza uma situação na qual, embora não exista coordenação entre diversas disciplinas, cada uma delas participa desde a perspectiva do seu próprio quadro teórico-metodológico ao estudo e tratamento de um dado fenômeno* Transdisciplinar ou transdiciplinariedade: *Caracteriza a situação na qual os referenciais consensuais têm sido construídos e propiciam a re-acomodação, com relativa desaparição, de cada "disciplina" envolvida no estudo e tratamento do fenômeno considerado.*

[23] FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987, p.187.

contrário, devemos perseverar, trabalhar muito, com o pensamento de que somente poderemos atingir um determinado objectivo se estivermos interligados. O homem faz o seu próprio destino, e isso já sabemos. Então, devemos discutir, devemos analisar, devemos questionar tudo o que nos é imposto como sendo verdade, seja por parte dos educadores, dos nossos pais, da ciência, dos media, do Estado, da sociedade, etc. Devemos conhecer-nos melhor a nós próprios e o mundo em que vivemos para só depois viajar para outros mundos. Somente a partir daí poderemos construir a nossa própria verdade e, no final, apontar as possíveis soluções para a construção de uma sociedade igualitária, mais justa e mais humana.

Uma sociedade com um ambiente mais natural e mais humano é uma sociedade com melhor qualidade de vida. Para tanto, apontamos ao leitor um novo paradigma: a consciência holística, que não é assunto novo, já existe e vem sendo aplicada por inúmeras pessoas há milhares de anos. O principal objectivo deste estudo foi demonstrar que por intermédio da visão holística o homem pode tornar-se um ser sintético e analítico, capaz de pôr em prática todo o seu conhecimento, transformando a sua realidade e a do ambiente em que vive. Por isso, necessitamos antes de tudo nos reeducar para que possamos primeiramente auto conhecer-nos e a *posteriori* também possamos entender a nossa relação com os outros seres humanos, com o meio ambiente e com o universo do qual fazemos parte. Portanto, é através da educação que se constrói seres humanos críticos, reflexivos, criativos, dinâmicos e acima de tudo conscientes.

REFERÊNCIAS

ALVES, Ruben. A Complicada Arte de Ver. Artigo publicado no periódico "Folha de São Paulo", versão on-line, em 26/10/2004. Disponível em: http://www.folha.com.br.

ÁVILA FAGÚNDEZ, Paulo Roney. O Direito e a Hipercomplexidade. São Paulo: LTr, 2003.

_____. O Significado da Modernidade. *In*: Direito Ambiental Contemporâneo. Morato Leite, José Rubens; Bello Filho, Ney de Barros (org.).Barueri, SP: Manole, 2004.

BRASIL. Constituição da República Federal de 1988.

CAPRA, Fritjof. O Ponto de Mutação. Trad. Álvaro Cabral. 22 ed. São Paulo, Cultrix, 1999.

_____, Fritjof. A teia da Vida. Trad. Alvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1996.

DURKHEIM, Émile. As Regras do Método Sociológico. Trad. Eduardo Lúcio Nogueira:Lisboa: Editorial Presença, 2004.

EINSTEIN, Albert. Como Vejo o Mundo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.

FILARDI, Luis Antonio. Dicionário de Expressões Latinas.São Paulo: Atlas, 2000.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

MEZZAROBA, Orides; MONTEIRO, Claúdia Servilha. Manual de Metodologia da Pesquisa no Direito. São Paulo: Saraiva, 2005.

MORATO LEITE, José; ARAÚJO AYALA, Patrick. Transdisciplinariedade e a Proteção Jurídico-ambiental em Sociedades de Risco: Direito, Ciência e Participação**.** In: Direito Ambiental Contemporâneo.Morato Leite, José, Bello Filho, Ney de Barros (org.). Barueri, SP: Manole, 2004.

MORIN, Edgar. Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro. Trad. Catarina Eleonora F.da Silva e Jeanne Sawaya. 4.ed.São Paulo: Cortez; Brasília, DF: Unesco, 2001.

NERY JÚNIOR, Nelson. *In*: Seminário Internacional sobre Direito da Biodiversidade. Revista CEJ/Conselho da Justiça Federal, Centro de Estudos Judiciários – n. 1. Brasília: CJF, 1997.

SERRES, Michel. O Contrato Natural. Paris- França: Bourin, 1990.

SILVA, De Plácido e. Vocabulário Jurídico. Rio de Janeiro: Forense, 2000.

VELASCO, Sirio Lopez. *Ética de la Liberación*.Campo Grande: Cefil, 1996.

VON IHERING, Rudolf. A luta pelo Direito. Trad. João Vasconcelos. 22 ed. Rio de Janeiro: Forense, 2003.